



Educação (trans) formadora em uma era de desafios no ambiente escolar

(Trans) formative education in an era of challenges in the school environment

Marcos Paulo Moraes Oliveira¹

Resumo: Em uma era pós-pandemia a qual o ensino se tornou refém do retrocesso, educadores precisam não somente repaginar suas aulas a um nível inferior de qualidade como também acatar ordens de aprovação automática sem o aprendizado adequado. Educadores, quando alunos, se envolveram com a profissão pela possibilidade de (trans) formar vidas, outrora sem muito sucesso, visto que, em um tempo de novas tecnologias que (re) produzem trabalhos já prontos, a desmotivação beira o desgaste e o desacreditar nessa revolução social que a educação nos permite, levando diversos educadores ao *burnout* sem estímulos para aperfeiçoar o seu rendimento em sala de aula. Sendo assim, este trabalho tem por objetivo criticar alguns conceitos sociais da educação mediante uma análise prática do cotidiano em sala de aula que os professores de diferentes componentes curriculares enfrentam. Metodologicamente, abordaremos a revisão bibliográfica como norteadora da pesquisa contextualizada a relatos reais do autor e outros colegas de profissão que por questões éticas não serão identificados, pensando nós, que até mesmo para desabafar ou buscar auxílio um com o outro, precisamos nos resguardar enquanto profissionais. A educação não pode ser uma síndrome, ela precisa voltar a ser a chave para o mundo, chave está não somente de valor social e cultural, mas que tem contribuído para um retrocesso que vai além da sala de aula, com jovens e adultos — até os formados — reproduzem falas contrárias ao que a educação representa — ou ao menos deveria — diante do nosso contexto social nacional, o qual deixa espaços duvidosos sobre o futuro de nossa sociedade.

Palavras-chave: Sala de aula. Retrocesso. Transformação. Qualidade de Ensino.

Abstract: In a post-pandemic era in which education has become hostage to regression, educators must not only revamp their classes to a lower level of quality but also accept automatic approval orders without adequate learning. Educators, as students, became involved in the profession for the possibility of (trans)forming lives, previously without much success. In an age of new technologies that (re)produce ready-made work, demotivation borders on exhaustion and disbelief in this social revolution that education enables, leading many educators to have a burnout without the incentive to improve their classroom performance. Therefore, this work aims to critique some social concepts of education through a practical analysis of the daily classroom experiences faced by teachers of different curricular components. Methodologically, we will approach this research based on a bibliographic review, contextualized with real accounts from the author and other colleagues who, for ethical reasons, will not be identified. We believe that, even when venting or seeking support from each other, we need to protect ourselves as professionals. Education cannot be a syndrome; it needs to once again be the key to the world. This key is not only of social and cultural value, however, it has contributed to a regression that goes beyond the classroom, with young people and adults — even graduates — repeating speeches contrary to what education represents — or at least should — in view of our national social context, which leaves doubtful spaces about the future of our society.

Keywords: Classroom. Throwback. Transformation. Quality of Teaching.

1. Doutorando em Museologia e Patrimônio (UNIRIO/MAST); Mestre em Patrimônio, Cultura e Sociedade (UFRRJ); Especialista em Linguagens (UFPI) e Especialista no Ensino da Língua Estrangeira (FSL); Professor de Inglês da Educação Municipal de Arraial do Cabo (RJ) e São Pedro da Aldeia (RJ). [ORCID](#)

“A principal meta da educação é criar homens que sejam capazes de fazer coisas novas, não simplesmente repetir o que outras gerações já fizeram. Homens que sejam criadores, inventores, descobridores. A segunda meta da educação é formar mentes que estejam em condições de criticar, verificar e não aceitar tudo que a elas se propõe”

Jean Piaget (1978, p. 246)

Introdução

Após a pandemia, toda a sociedade encontrou-se aliviada por ter sobrevivido um grande caos histórico na saúde, porém grandes consequências foram atreladas durante e posteriormente este período, como o caso da educação que já vinha sofrendo com questões dúbias referentes a: qualidade de ensino nas escolas — tanto públicas quanto privadas — que no contexto atual, temas como aprovação automática reduzem não só o preparo das atividades propostas por professores, como precisamos, de certa forma, facilitar o ensino para não perder o aluno; assim como, a insalubridade em muitos casos e currículos escolares limitadores que além de reduzir a qualidade da aula, metodologicamente, baseia-se em um aprendizado ínfimo até mesmo para ampliar a avaliação escolar no IDEB².

Tudo isso, ao final, corrobora para uma educação contrária ao que muitos profissionais da educação atual não enfrentaram — enquanto alunos — uma vez que tais ações poderiam acarretar em mudança de atuação profissional, se estes professores pudessem voltar ao tempo.

Nelson Mandela uma vez disse: “a educação é a arma mais poderosa que você pode usar para mudar o mundo” (Timbane, 2022, p. 12), proposta diante de um sistema o qual se propõe através “do relacionamento humano baseado no trabalho com o conhecimento e na organização da coletividade” (Vasconcellos, 2003, p. 38), ratificam a interação necessária e modificadora que somente a educação agrega as relações sociais e culturais da humanidade, cientes de que num processo de formação aluno e professor desenvolvem o aprendizado.

Mas como pensar em planejamento, ideia, metodologia para contemplar as aulas se professores estão cada vez mais carecem de recursos e até mesmo de incentivo para o preparo e o desenvolvimento de novas aplicabilidades para o ensino-aprendizagem, uma vez que o sistema é falho e não lhe garante o suporte necessário?

Embora seja um trabalho de revisão bibliográfica, este estudo tem por objetivo criticar algumas das citações motivadoras para o sistema educacional, mas que não condizem com a realidade escolar. Criticar não no intuito de desmerecer,

2. “O Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb) foi criado em 2007 e reúne, em um só indicador, os resultados de dois conceitos igualmente importantes para a qualidade da educação: o fluxo escolar e as médias de desempenho nas avaliações. O Ideb é calculado a partir dos dados sobre aprovação escolar, obtidos no Censo Escolar, e das médias de desempenho no Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb)” (BRASIL, 2024).

mas de pensar em como colocar em prática tais ideias, se no atual cenário sequer temos a oportunidade de desenvolver o básico do que nos foi proposto durante a nossa formação.

Metodologia

Este estudo tem por metodologia a revisão bibliográfica narrativa (Ramos Vosgerau, Romanowski, 2014, p. 170) “por permitir estabelecer relações com produções anteriores” [debates de conceitos cruciais para a educação], “identificando temáticas recorrentes” [o burnout³ e o descaso na atual educação básica], “apontando novas perspectivas, consolidando uma área de conhecimento e constituindo-se orientações de práticas pedagógicas” ao comparar estas referências a relatos de experiências do autor e de colegas da profissão que, juntos, encontram-se desmotivados e desacreditados no processo de transformação da educação diante do cenário atual que visa aprovação automática, aulas simples e objetivas com provas de fácil execução, deixando a qualidade de seu ensino aquém do que almejam por precisarem encarar a realidade escolar atual.

Crítica esta que, embora não solucione tal problemática, possa, ao menos, levar ao questionamento de ideias para o que esperamos da educação subsequente. Todos os relatos de profissionais utilizados para contextualizar este estudo foram autorizados por suas fontes, porém por questões éticas não os identificamos.

O aguçar da curiosidade

“Educar é a forma a qual eu tenho de pôr em prática o conhecimento adquirido em função da minha curiosidade enquanto aluna” relato de uma professora da Educação Infantil do município de Japeri, RJ. Podemos dizer que haja um estranhamento se houver professor que não seja curioso ou que em algum momento de sua fase escolar não o foi.

Paulo Freire (1996, p. 85, grifo nosso) nos diz que:

Como professor devo saber que sem a curiosidade que me move, que me inquieta, que me insere na busca, **não aprendo nem ensino. Exercer a minha curiosidade** de forma correta é um direito que tenho como gente e a **que corresponde o dever de lutar por ele**, o direito à curiosidade.

3. “Síndrome de Burnout ou Síndrome do Esgotamento Profissional é **um distúrbio emocional com sintomas de exaustão extrema**, estresse e esgotamento físico resultante de situações de trabalho desgastante, que demandam muita competitividade ou responsabilidade. A **principal causa da doença é justamente o excesso de trabalho**. Esta síndrome é **comum em profissionais que atuam diariamente sob pressão e com responsabilidades constantes, como médicos, enfermeiros, professores, policiais, jornalistas, dentre outros**” (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2024, grifo nosso).

Direito este que perpassa o processo de aprendizagem e nos garante — enquanto educadores — formas e métodos de qualificar nossas aulas desde o entreter do aluno até as trocas de conhecimento entre os agentes formadores e seus respectivos alunos. Afinal a educação é um processo contínuo.

Como afere o professor Alfredo Gomes Neto do Instituto Federal da Paraíba (IFPB, 2016, grifo nosso):

Educar é um processo contínuo, e o mais gratificante em ser professor é ver a evolução do aluno, ver como cada um começa e como conclui aquela etapa de formação, **além de ver a evolução do professor**, que também cresce com o aluno.

O sonho de todo professor é proporcionar um ensino de qualidade que transforme ou ao menos capacite educandos para o mundo diante de seu respectivo componente curricular, mas como ele se aplica em sociedade.

Todavia, este processo encontra-se escasso, não pela criatividade aguçada do professor, mas pela dificuldade seja pela falta de interesse do aluno; carência de recursos e incentivos para a melhora na qualidade de ensino, ao menos para chamar a atenção do aluno e até mesmo, a descredibilidade que o processo educacional nacional enfrenta com propostas curriculares desafiadoras, vejam os relatos a seguir:

1. Não sei se consigo passar mais dez anos em sala de aula diante da atual conjuntura pois não leciono 10% do que aprendi durante a minha formação [...] até encontro alunos interessados, mas nem a própria escola me dá o suporte necessário para que meus alunos desenvolvam.
2. Minha paciência, força de vontade e criatividade se esgotaram, passo metade do meu tempo em sala de aula chamando a atenção dos alunos e a outra metade registrando ocorrências. Não ensino sequer o básico do que aprendi da minha matéria enquanto aluna, o que é uma lástima pois me tornei professor por me espelhar em grandes mestres que tive e hoje não consigo desempenhar a minha função do jeito que gostaria.

Diante destes relatos, um educador de Língua Portuguesa da Rede Municipal de Ensino em São João de Meriti, RJ e o outro de Matemática da Rede Municipal de Ensino em Japeri, RJ, respectivamente, ressaltam que não é pela falta de criatividade, mas pela gama de desafios que precisamos enfrentar diariamente se quisermos (sobre)viver na educação.

O que esperar então de uma proposta educacional transformadora em uma era de retrocessos e descredibilidade? Pois afinal, se seguimos o cronograma estamos limitados, se o ampliamos podemos estar fugindo de nossas responsabilidades e não realizando com as diretrizes curriculares.

Educação transformadora em meio aos desafios de aprendizagem

Prigol e Behrens (2020, p. 12) dizem que “numa educação com visão transformadora, o ser humano está em processo constante de (des)aprendizagem, pois tem consciência de sua inconclusão e de que necessita aprender, construir conhecimentos, interagir, dialogar com o outro, buscando a diversidade de saberes” uma vez que o propósito da educação não é unilateral, ensinar e pronto, é propor a prática e o desenvolvimento do conhecimento em sociedade, aplicar o que lhe foi ensinado, permitindo também ao educando ensinar o seu formador. Até porque, “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção” (Freire, 1996, p. 12).

Entretanto, como antes dito: como repensar o processo de formação se os desafios na educação são inúmeros? Não conseguimos gerir nosso tempo em sala de aula, não temos suporte para o aprimorar de técnicas de persuasão, fora a falta de incentivo político, social e cultural dentro e fora do ambiente escolar.

Os desafios educacionais são imensos, pois mesmo **nos dias de hoje a educação está em crise**, ou pelos governantes que pensam na educação, mas não sabem como gerenciar ou pelos docentes que muitos não têm capacitação/formação para atuar na educação de hoje, **ou pelos alunos que cansados** de estarem com ensino remoto, **muitos evadiram e não aprenderam quase ou nada do ensino preterido** (Medeiros, 2023, p. 73, grifo nosso).

Mesmo após a pandemia, onde o ensino remoto encontra-se ainda em uso em diversas instituições de ensino, diferente do que a maioria supõe, a educação online não é transformação ou o acerto que muitos acreditavam ser, pois ela demanda disciplina e compromisso, uma vez que o professor não está em contato direto para o suporte necessário. Três professores alfabetizadores da rede municipal de São Pedro da Aldeia, RJ complementam:

1. Eu tive que me reinventar para criar aulas online durante a pandemia e para quê? Poucos os alunos que assistiam e no final todos tinham que ser aprovados, até aqueles que eu mesma nem conheci.
2. Por que me preocupar em criar aulas mirabolantes se desde a pandemia os alunos sabem que serão aprovados automaticamente e amanhã mesmo já não lembrarão do conteúdo que eu lhes dei?
3. Como me preparar se o próprio sistema vai contra tudo o que acreditamos jogando a responsabilidade para terceiros em outra escolas ou redes de ensino?

Acredito que a preocupação vai além de termos ou não aprovação automática ou até mesmo dos impactos que a pandemia ainda acarretam, mas sim na necessidade de se reinventar, pois se ainda acreditamos que a educação é transforma-

dora, um aluno que seja, pode ser capaz de reproduzir e aplicar os ensinamentos no seu dia a dia em sociedade.

Não é mais sobre quantificar o aprendizado, mas ter a esperança de que em algum momento o ensino possa fazer a diferença fora de sala de aula, a priori, diante do que foi lhe ensinado dentro dela. “Ser professor não é só um trabalho em sala de aula, como todos sabem, mas depende de incentivo, principalmente ao alcance metodológico que se aplica nas escolas” [e fora delas] (Oliveira, 2023, p. 84).

Para isso, é preciso dar sentido o que ensinamos e aprendemos, independente da função que assumimos no contexto escolar, ao considerar o que vivenciamos no cotidiano a sala de aula não pode ser limitadora, se quisermos ser positivos e pensar que a educação pode superar o retrocesso de informação por conta da defasagem e do desinteresse na escola, é preciso unificar o ser e o saber indivisíveis.

Pois, “sustenta-se que, como seres histórico-culturais, os discentes e docentes desenvolvem-se ao longo da vida e carregam aprendizagens que não obrigatoriamente aprendem na escola e precisam ser valorizadas” uma vez que “a construção do conhecimento deve ser situada e envolve a colaboração mútua entre os indivíduos” (Prigol, Behrens, 2020, p. 15).

Isto é, contextualizar o aprendizado impondo sentido as informações em coleta que progrida em favor de todos os envolvidos (Morin, 2000). Professores de uma escola particular da cidade do Rio de Janeiro em 2019 disseram em uma reunião pedagógica:

1. Eu gosto muito do que faço, não me vejo em outra profissão. Mesmo desacreditado, ainda acredito que eu possa fazer a diferença.
2. Eu me tornei professora por ser filho e neto de professor, mas não sei se quero que meu filho exerça a profissão. Mas faço de tudo para me reinventar para que ao menos os meus acreditem no processo de transformação que a educação nos permite.
3. Eu amo lecionar, amo o que faço, embora cansado, me permito a acreditar que o meu ensino possa mudar a realidade de ao menos um dos meus alunos.
4. Transformar não sei se seria o termo, mas se meus alunos ao menos pensarem no porque estão ali em sala de aula já me satisfaço. Sozinho não acredito que eu possa mudar nada, mas acredito no processo coletivo.

Ao fim, podemos observar que mesmo sem amparo da escola, do sistema e da própria educação, nós professores, ainda resistimos por acreditar no processo. “Positivista ou não, se não pensarmos no futuro de nossos alunos, deixamos de acreditar em todo o processo educacional e nossa profissão perde o sentido” (Oliveira, 2023, p. 88, grifo nosso). Inclusive por entendermos que enquanto profissionais da educação chegamos até aqui por influência e exemplos de outros que antes professores, hoje colegas de profissão.

Considerações finais

Ao final, se contextualizarmos os relatos de professores junto às referências brevemente contextualizadas, de fato os desafios são muitos, mas ainda por acreditar na eficiência do processo como um todo resistimos.

A educação transforma, ainda que em períodos de retrocesso, seja pela influência política, religiosa ou até mesmo pelo desacreditar da profissão, não podemos nos restringir aos questionamentos: por que ainda estou aqui? Por que elaborar um planejamento se não irei executá-lo? Ou até, por que criar atividades diversificadas se meus alunos não se interessam por nada?

Com certeza, pelo menos uma dessas perguntas você, professor já fez, agora não é sobre o que fazer para responder, mas sim em como se reinventar e ultrapassar as barreiras que enfrentamos.

Pois, transformar a educação depende de “desenvolver pessoas para que possam se emancipar e se tornar mais independentes, críticas, inovadoras, para que tenham competências para resolver os problemas emergentes e saibam lidar com os desafios e exigências da sociedade e do mundo” (Prigol, Behrens, 2020, p. 18).

O que fazemos (ou não) para mudar esta realidade não é um reflexo unilateral do nosso trabalho, diversificar, reformular ou até replanejar nossas aulas é almejar a transformação ainda que de um único aluno.

Outrora porque “não podemos abrir mão ao desistir de capacitar nossos alunos, pois querendo ou não eles têm o direito a uma melhor qualidade de vida [...] Não cabe a nós dizer qual caminho eles devam ou possam seguir, mas sim o de influenciar, ainda que seja só um aluno” (Oliveira, 2023, p. 96).

O trabalho é árduo, mas é contínuo e é um reflexo do que se espera para atuação em sociedade. A escola é um processo que ultrapassa os muros do espaço físico e que marca a vida do estudante para sempre!

Finaliza-se este trabalho pensando não só na crítica ao sistema, mas em como superar estes desafios em nosso dia a dia daqui para frente. Reiterando que todos os relatos presentes foram obtidos em discussões ou conversas pedagógicas ao longo da experiência do autor em contato com outros professores e por isso, por questões éticas e de confiança, não foram identificadas, mas autorizadas para a divulgação e contemplação deste trabalho.

Referências

BRASIL. **Ministério da Educação – IDEB**. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/pesquisas-estatisticas-e-indicadores/ideb>. Acesso em: 25 set. 2024.

BRASIL. **Ministério da Saúde – Síndrome de Burnout**. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/s/sindrome-de-burnout#:~:text=S%C3%ADndrome%20de%20Burnout%20ou%20S%C3%ADndrome,demandam%20muita%20competitividade%20ou%20responsabilidade>. Acesso em: 05 de out. 2024.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

IFPB. **Ser professor é aprender com os alunos, pois eles têm muito a ensinar**. Disponível em: <https://www.ifpb.edu.br/joaopessoa/noticias/2016/10/201cser-professor-e-aprender-com-os-alunos-pois-eles-tem-muito-que-ensinar201d>. Acesso em: 13 set. 2024.

MEDEIROS, Maria de Fátima Silveira. Evolução e Retrocessos na Educação. **Revista Físio&Terapia**, v. 27, p. 73, 2023.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez, 2000.

OLIVEIRA Marcos Paulo Moraes. A (des) motivação do Ensino/Aprendizado da Língua Inglesa nas Escolas Públicas da Baixada Fluminense/RJ. **Revista Eletrônica Evolucione Educação**, p. 83-98, 02 mar. 2023.

PIAGET, Jean. Segunda parte: O Jogo. In: Piaget, Jean. **A formação do símbolo na criança: imitação, jogo e sonho – imagem e representação**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1978.

PRIGOL, Edna Iiz; BEHRENS, Marilda Aparecida. Educação Transformadora: As interconexões das teorias de Freire e Morin. **Revista Portuguesa de Educação**, [S. l.], v. 33, n. 2, p. 5-25, 2020. DOI: 10.21814/rpe.18566. Disponível em: <https://revistas.rcaap.pt/rpe/article/view/18566>. Acesso em: 10 set. 2024.

SANT'ANNA RAMOS VOSGERAU, Dilmeire; PAULIN ROMANOWSKI, Joana. Estudos de revisão: implicações conceituais e metodológicas. **Revista Diálogo Educacional**, [S. l.], v. 14, n. 41, p. 165-189, 2014. DOI: 10.7213/dialogo.educ.14.041.DS08. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/dialogoeducacional/article/view/2317>. Acesso em: 08 set. 2024.

TIMBANE, Alexandre António. Apresentação da edição “A educação é a arma mais poderosa que você pode usar para mudar o mundo” - Nelson Mandela (1918-2013): Présentation de l'édition “L'éducation est l'arme la plus puissante que vous puissiez utiliser pour changer le monde” - Nelson Mandela (1918-2013). **NJINGA e SEPÉ: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras (ISSN: 2764-1244)**, [S. l.], v. 2, n. 1, p. 2-15, 2022. Disponível em: <https://revistas.unilab.edu.br/index.php/njingaesape/article/view/973>. Acesso em: 25 set. 2024.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Para onde vai o professor? Resgate do Professor como Sujeito de Transformação**. São Paulo: Libertad, 2003. 205p.